O alfaiate valente

Irmãos Grimm

Edição 1.0.0 · Português brasileiro

Numa manhã de verão, um pequeno alfaiate estava sentado em sua mesa junto à janela, bem-disposto, e costurava com todas as forças. Passou pela rua uma camponesa gritando: “Bom doce à venda! Bom doce à venda!” Aquilo soou tão agradavelmente aos ouvidos do alfaiate que ele pôs sua delicada cabecinha para fora da janela e gritou: “Suba aqui, minha senhora, aqui vai vender sua mercadoria!” A mulher subiu os três lances de escada com seu pesado cesto e teve de tirar todos os potes diante do alfaiate. Ele examinou todos, ergueu-os, aproximou o nariz e por fim disse: “Esse doce me parece bom; pese quatro lot para mim, minha senhora. Mesmo que seja um quarto de libra, não me importo.” A mulher, que esperava fazer uma boa venda, deu-lhe o que pedira, mas foi embora muito zangada e resmungando. “Que Deus abençoe este doce!”, exclamou o alfaiate. “Que ele me dê força e vigor!” Tirou o pão do armário, cortou uma fatia atravessando o pão inteiro e espalhou o doce por cima. “Isso não vai ter gosto amargo”, disse, “mas primeiro vou terminar o gibão, antes de dar uma mordida.” Pôs o pão ao lado e continuou costurando, dando pontos cada vez maiores de tanta alegria. Enquanto isso, o cheiro do doce subia até a parede, onde havia muitas moscas, que foram atraídas e pousaram em bandos sobre o pão. “Ora, quem convidou vocês?”, disse o alfaiate, espantando as visitas indesejadas. Mas as moscas, que não entendiam alemão, não se deixavam afastar e voltavam em grupos cada vez maiores. Por fim, como se costuma dizer, o alfaiate perdeu as estribeiras, apanhou um retalho no canto dos retalhos debaixo de sua mesa e, dizendo “Esperem, vou dar uma lição em vocês!”, bateu sem piedade. Quando levantou o pano e

contou, nada menos que sete estavam mortas à sua frente, de pernas esticadas. “Você é mesmo um sujeito desses?”, disse, obrigado a admirar sua própria valentia. “A cidade inteira precisa saber disso!” Às pressas cortou um cinto, costurou-o e bordou em letras grandes: “Sete de um só golpe!” “Ora, que cidade!”, continuou. “O mundo inteiro precisa saber!” E seu coração sacudia de alegria como o rabinho de um cordeiro.

O alfaiate amarrou o cinto à cintura e quis sair pelo mundo, pois achava que a oficina era pequena demais para sua valentia. Antes de partir, procurou pela casa alguma coisa que pudesse levar, mas só encontrou um queijo velho e o guardou. Diante do portão viu um pássaro que ficara preso nos arbustos; ele teve de ir para o bolso junto do queijo. Então se pôs corajosamente a caminho e, como era leve e ágil, não sentia cansaço. O caminho o levou a uma montanha e, quando alcançou o pico mais alto, ali estava sentado um enorme gigante, olhando tranquilamente ao redor. O pequeno alfaiate se aproximou com coragem, dirigiu-lhe a palavra e disse: “Bom dia, companheiro! Então está aí sentado contemplando o vasto mundo? Pois vou justamente para lá tentar minha sorte. Quer vir comigo?” O gigante olhou para ele com desprezo e disse: “Seu traste! Seu sujeito miserável!” “Ora essa!”, respondeu o alfaiate, desabotoando o casaco e mostrando-lhe o cinto. “Aí pode ler que homem eu sou.” O gigante leu “Sete de um só golpe”, pensou que fossem pessoas que o alfaiate havia matado e começou a respeitar um pouco o pequeno sujeito. Mas quis primeiro pô-lo à prova: pegou uma pedra e a apertou na mão até pingar água. “Faça o mesmo”, disse, “se você tem força.” “Só isso?”, perguntou o alfaiate. “Para gente como eu é brincadeira.” Meteu a mão no bolso, tirou o queijo mole e o apertou até escorrer o líquido. “E então?”, disse. “Não foi um pouco melhor?” O gigante não sabia o que dizer e não conseguia acreditar naquilo vindo daquele homenzinho. Apanhou então uma pedra e a atirou tão alto que mal se podia vê-la. “Agora, seu baixinho, faça o mesmo.” “Bem

arremessado", disse o alfaiate, "mas a pedra teve de cair de novo na terra; vou jogar uma que não voltará de jeito nenhum." Enfiou a mão no bolso, pegou o pássaro e o lançou no ar. Feliz com a liberdade, o pássaro subiu, voou para longe e não voltou. "Que tal esse truquezinho, companheiro?", perguntou o alfaiate. "Arremessar você sabe", disse o gigante. "Mas agora vamos ver se consegue carregar alguma coisa de verdade." Levou-o até um enorme carvalho derrubado no chão e disse: "Se tem força, ajude-me a carregar esta árvore para fora da floresta." "Com prazer", respondeu o pequeno homem. "Ponha o tronco no ombro; eu levanto e carrego os galhos com toda a ramagem, que é a parte mais pesada." O gigante pôs o tronco no ombro, mas o alfaiate se sentou num galho, e o gigante, que não podia olhar para trás, teve de carregar a árvore inteira e o alfaiate ainda por cima. Lá atrás o pequeno ia muito alegre e bem-disposto, assobiando a cantiguinha "Três alfaiates saíram a cavalo pelo portão", como se carregar a árvore fosse brincadeira de criança. Depois de arrastar a pesada carga por um trecho, o gigante não aguentou mais e gritou: "Escute, tenho que largar a árvore!" O alfaiate saltou ligeiro, agarrou a árvore com os dois braços, como se a tivesse carregado, e disse: "Você é tão grande e nem consegue carregar a árvore!"

Continuaram juntos e, ao passarem por uma cerejeira, o gigante agarrou a copa onde pendiam os frutos mais maduros, curvou-a, entregou-a ao alfaiate e mandou que comesse. Mas o pequeno alfaiate era fraco demais para segurar a árvore; quando o gigante a soltou, ela se ergueu e o arremessou pelos ares. Quando ele tornou a cair sem se machucar, o gigante disse: "O que é isso? Não tem força para segurar essa varinha fraca?" "Força é o que não me falta", respondeu o alfaiate. "Acha que isso é alguma coisa para quem acertou sete de um golpe? Pulei por cima da árvore porque os caçadores estão atirando nos arbustos ali embaixo. Pule também, se conseguir." O gigante tentou, mas não

conseguiu passar por cima da árvore e ficou preso nos galhos; assim o alfaiate levou a melhor também dessa vez.

O gigante disse: “Se é tão valente assim, venha à nossa caverna passar a noite conosco.” O alfaiate aceitou e o seguiu. Quando chegaram à caverna, havia outros gigantes sentados ao fogo, cada um com um carneiro assado na mão, comendo. O alfaiate olhou ao redor e pensou: “Aqui é bem mais espaçoso que na minha oficina.” O gigante lhe indicou uma cama e disse que se deitasse e dormisse à vontade. Mas a cama era grande demais para o alfaiate; ele não se deitou nela, e sim se enfiou num canto. À meia-noite, julgando que o alfaiate dormia profundamente, o gigante se levantou, pegou uma grande barra de ferro e partiu a cama com um golpe, pensando que tivesse dado cabo do gafanhoto. Bem cedo os gigantes foram à floresta e tinham esquecido inteiramente o alfaiate, quando de repente ele apareceu caminhando, todo alegre e atrevido. Os gigantes se assustaram, temeram que os matasse a todos e fugiram às pressas.

O pequeno alfaiate seguiu adiante, sempre atrás de seu nariz pontudo. Depois de muito caminhar, chegou ao pátio de um palácio real e, sentindo cansaço, deitou-se na grama e adormeceu. Enquanto estava ali, as pessoas se aproximaram, examinaram-no de todos os lados e leram no cinto “Sete de um só golpe”. “Ah!”, disseram. “O que quer esse grande herói de guerra aqui em plena paz? Deve ser um homem poderoso.” Foram contar ao rei e disseram que, se estourasse uma guerra, seria um homem importante e útil, que não se devia deixar partir por preço algum. O conselho agradou ao rei, que mandou um cortesão oferecer serviço militar ao alfaiate quando ele acordasse. O enviado ficou ao lado do homem adormecido, esperou que esticasse os membros e abrisse os olhos e então apresentou a proposta. “Foi justamente por isso que vim”, respondeu ele. “Estou pronto para entrar a serviço do rei.” Foi, pois, recebido com honras, e lhe deram uma moradia própria.

Os soldados, porém, implicavam com o alfaiate e desejavam que estivesse a mil milhas dali. “O que vai ser disso?”, diziam entre si. “Se brigarmos com ele e ele nos golpear, caem sete de cada vez. Nenhum de nós pode resistir.” Tomaram então uma resolução, foram todos ao rei e pediram dispensa. “Não fomos feitos”, disseram, “para aguentar ao lado de um homem que derruba sete de um só golpe.” O rei ficou triste por perder todos os seus fiéis servidores por causa de um só; desejou nunca o ter visto e queria muito se livrar dele. Mas não se atrevia a dispensá-lo, pois temia que matasse a ele e a seu povo e ocupasse o trono real. Pensou muito, de um lado e de outro, até encontrar uma saída. Mandou dizer ao alfaiate que, por ser um grande herói de guerra, queria lhe fazer uma proposta. Numa floresta de seu reino viviam dois gigantes que causavam grandes estragos, roubando, assassinando, devastando e incendiando; ninguém podia se aproximar sem arriscar a vida. Se ele vencesse e matasse os dois gigantes, o rei lhe daria sua única filha por esposa e metade do reino como dote; cem cavaleiros também iriam acompanhá-lo e ajudá-lo. “Isso é coisa para um homem como você!”, pensou o alfaiate. “Não é todo dia que oferecem uma bela princesa e meio reino!” “Pois sim”, respondeu. “Vou dominar os gigantes e não preciso dos cem cavaleiros: quem acerta sete de um só golpe não precisa temer dois.”

O alfaiate partiu, e os cem cavaleiros o seguiram. Ao chegar à borda da floresta, disse aos companheiros: “Fiquem parados aqui; vou resolver sozinho o caso dos gigantes.” Então entrou na floresta e olhou para todos os lados. Pouco depois avistou os dois: deitados debaixo de uma árvore, dormiam e roncavam tanto que os galhos se moviam para cima e para baixo. O alfaiate não perdeu tempo: encheu os dois bolsos de pedras e subiu na árvore. Ao chegar ao meio, deslizou por um galho até ficar bem sobre os que dormiam e deixou cair pedra após pedra no peito de um deles. O gigante não sentiu nada por muito tempo, mas acabou acordando, cutucou o companheiro e

perguntou: “Por que está me batendo?” “Está sonhando”, disse o outro. “Não estou batendo em você.” Voltaram a dormir, e o alfaiate jogou uma pedra sobre o segundo. “O que é isso?”, gritou ele. “Por que joga coisas em mim?” “Não estou jogando nada”, respondeu o primeiro, resmungando. Discutiram um pouco, mas, como estavam cansados, deixaram por isso mesmo e os olhos tornaram a se fechar. O alfaiate recomeçou a brincadeira, escolheu a pedra mais grossa e a arremessou com toda a força no peito do primeiro gigante. “Isso já é demais!”, gritou ele, levantando-se como um louco e empurrando o companheiro contra a árvore, que tremeu. O outro pagou na mesma moeda, e ficaram tão furiosos que arrancaram árvores e bateram um no outro até que, por fim, caíram ambos mortos ao mesmo tempo. Então o alfaiate desceu. “Ainda bem”, disse, “que não arrancaram a árvore em que eu estava; senão teria de pular para outra como um esquilo. Mas gente como eu é ligeira!” Tirou a espada e deu em cada um alguns bons golpes no peito; depois saiu até os cavaleiros e disse: “O trabalho está feito, dei cabo dos dois. Mas foi duro; no aperto arrancaram árvores e se defenderam, mas nada disso adianta quando chega alguém como eu, que mata sete de um só golpe.” “E não ficou ferido?”, perguntaram os cavaleiros. “Nem pensar”, respondeu. “Não me entortaram um fio de cabelo.” Os cavaleiros não quiseram acreditar e entraram na floresta: ali encontraram os gigantes banhados em sangue e, ao redor, as árvores arrancadas.

O alfaiate exigiu do rei a recompensa prometida, mas ele se arrependera da promessa e tornou a pensar em como se livrar do herói. “Antes de receber minha filha e metade do reino”, disse-lhe, “você ainda precisa realizar uma façanha. Na floresta anda um unicórnio que causa grandes estragos; primeiro tem de capturá-lo.” “Tenho menos medo de um unicórnio que de dois gigantes; sete de um só golpe, essa é minha especialidade.” Levou uma corda e um machado, foi à floresta e mandou de novo os que o acompanhavam

esperarem do lado de fora. Não precisou procurar muito; logo apareceu o unicórnio, que avançou direto para ele, como se quisesse atravessá-lo sem cerimônia. “Devagar, devagar”, disse. “Não é assim tão depressa.” Ficou parado e esperou até o animal chegar bem perto; então saltou ligeiro para trás da árvore. O unicórnio correu com toda a força contra a árvore e enfiou o chifre tão firmemente no tronco que não teve força para arrancá-lo. Assim ficou preso. “Agora peguei o passarinho”, disse o alfaiate, saindo de trás da árvore. Primeiro passou a corda no pescoço do unicórnio; depois cortou com o machado o chifre para fora da árvore e, quando tudo estava em ordem, levou o animal ao rei.

O rei ainda não quis lhe conceder a recompensa prometida e fez uma terceira exigência. Antes do casamento, o alfaiate devia capturar um javali que causava grandes estragos na floresta; os caçadores o ajudariam. “Com prazer”, disse o alfaiate. “É brincadeira de criança.” Não levou os caçadores para dentro da floresta, e eles ficaram bem satisfeitos, pois o javali já os recebera várias vezes de tal modo que não tinham vontade de persegui-lo. Quando o porco viu o alfaiate, correu contra ele espumando pela boca e rangendo os dentes, querendo jogá-lo no chão; mas o herói ligeiro saltou para dentro de uma capela que havia ali perto e, num salto, saiu de novo pela janela lá em cima. O porco correra atrás dele, mas o alfaiate deu a volta por fora e fechou a porta atrás do animal. A fera furiosa ficou presa: era pesada e desajeitada demais para saltar pela janela. O alfaiate chamou os caçadores, que tiveram de ver o prisioneiro com os próprios olhos; o herói, porém, foi ao rei, que agora, querendo ou não, precisou cumprir a promessa e lhe entregou a filha e metade do reino. Se soubesse que diante dele não estava um herói de guerra, mas um pequeno alfaiate, teria sentido ainda mais. O casamento foi celebrado, pois, com grande pompa e pouca alegria, e de um alfaiate se fez um rei.

Algum tempo depois, a jovem rainha ouviu de noite seu marido dizer em sonho: “Rapaz, faça meu gibão e remende minhas calças, ou vou lhe bater com a régua de côvado nas orelhas.” Percebeu então de que rua vinha o jovem senhor; na manhã seguinte queixou-se ao pai de sua desgraça e pediu que a livrasse daquele homem, que não passava de alfaiate. O rei a consolou e disse: “Deixe seu quarto aberto na próxima noite. Meus criados ficarão do lado de fora e, quando ele dormir, entrarão, vão amarrá-lo e levá-lo a um navio que o conduza para o vasto mundo.” A mulher ficou satisfeita, mas o escudeiro do rei, que ouvira tudo, era afeiçoado ao jovem senhor e lhe revelou o plano inteiro. “Vou pôr uma tranca nisso”, disse o alfaiate. À noite deitou-se com a mulher à hora de sempre; quando ela pensou que dormia, levantou-se, abriu a porta e tornou a deitar-se. O alfaiate, que só fingia dormir, começou a gritar em voz alta: “Rapaz, faça meu gibão e remende minhas calças, ou vou lhe bater com a régua de côvado nas orelhas! Acertei sete de um golpe, matei dois gigantes, levei um unicórnio e capturei um javali, e haveria de temer os que estão lá fora diante do quarto!” Quando o ouviram falar assim, foram tomados de grande medo e fugiram como se o exército selvagem os perseguisse; ninguém quis tornar a enfrentá-lo. Assim o pequeno alfaiate foi rei e continuou rei por toda a vida.

Texto e edição: As Verdadeiras Histórias
Tradução: Codex · tradução assistida por IA
Revisão: Codex · revisão independente por IA
Produção: Bons Filhos Educação
https://verdadeirashistorias.com.br/contos/o-alfaiate-valente